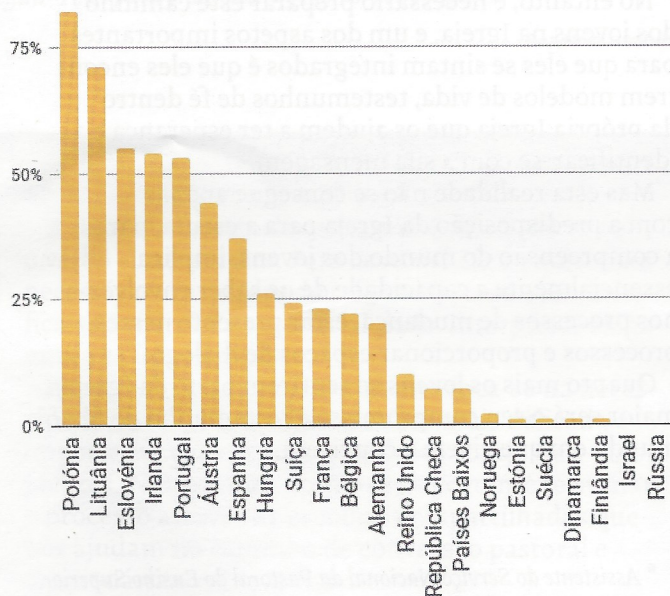




Percentagem de jovens católicos na Europa entre os 16 e os 29 anos



Os jovens pedem que a Igreja saia da sua zona de conforto

P. Eduardo Duque *

Numa das possíveis leituras dos sinais dos tempos, surge-nos, à partida, uma questão: os jovens de hoje têm espaço para alguma espiritualidade? Quais são as tendências da sociedade hodierna?

Não é nada de novo dizer-se que estamos num mundo em constante e acelerada mutação. As novas tecnologias, a atual parafernália de *gadgets*, todos com ligação à web, vieram «esmagar» o presente. O «estar constantemente conectado» transformou a forma como se vive o tempo presente. A dimensão temporal que atribuíamos ao «futuro» foi antecipada e passou a ser «um agora». Já não sabemos esperar. Esperar incomoda imenso, causa ansiedade e provoca medo. Estamos imersos na «cultura líquida», de que fala Bauman.

A tecnologia ganhou balanço, a criatividade é a palavra de ordem, a inovação atingiu alta velocidade, a produção atinge recordes, andamos todos a correr! Em boa verdade, a agitação é muita e convoca, por vezes, ao jeito de quem viaja no camarote, uma certa náusea.

Afinal, corremos para onde? Não é preciso ser muito dotado para saber que a direção é mais importante do que a velocidade. Mas quando se afina o diapásio pela velocidade, então a composição exige novas anotações: passamos de “Allegro”, para “Presto” (muito depressa; muito rápido), para “Prestissimo” (o mais depressa possível).

O tempo presente está repleto de sinais de descontinuidade, são sinais paradoxais; por um lado, exprime-se a satisfação com a vida, a plenitude de felicidade; por outro, encontra-se a amargura e a inexorável deterioração que ela acarreta, que levanta novas dúvidas sobre a matéria de que é construído o presente!

Os jovens bem sabem, e muitos sentem na própria pele, que o tempo presente é demasiado complexo, cruza processos, linguagens e estilos que antes eram inconciliáveis e tudo acontece numa vigorosa imprevisibilidade de movimentos, não permitindo antever qualquer futuro. Estamos a assistir à fragmentação da sociedade de que falava Weber. Diria que estamos a viver uma espécie de estilçamento do presente, porque ao escutar os jovens, apercebemo-nos que muitos deles já não se reveem no passado, mas, simultaneamente, também não conseguem vislumbrar o futuro, que se tornou mais opaco, incerto e, certamente, mais frágil.

Perante esta sociedade produtiva e rica, mas simultaneamente descompensada, surgem, naturalmente, ruturas com alguns valores tidos como tradicionais, onde a questão da ligação a Deus também se insere.

Mas a vida é uma interrogação! Não só o foi no passado, como continua a sê-lo no presente, suscitando muitas perguntas em muitos jovens. E, em geral, entre as grandes perguntas de todos os tempos, a pergunta de Deus não é alheia aos jovens. Está lá, entre muitas outras perguntas. É formulada, em muitas ocasiões, fora das estruturas tradicionais, longe de qualquer vínculo institucional, mas, mesmo assim, sem deixar de ter o mesmo vigor, a mesma frescura autêntica da idade e a mesma profundidade.

Quer isto dizer que Deus continua a interpelar. Os tempos mudaram, a linguagem mudou, a sociedade tornou-se mais célere, a tecnologia entrou nas nossas vidas e nas nossas casas, mas Deus, o Deus da história, continua a tornar-Se presente na vida de alguns jovens.

Alguns jovens pedem para fazer a experiência de Deus. São jovens como todos os outros, uns estudam, outros já trabalham, alguns são solteiros, outros namoram, alguns da periferia, outros mais urbanizados, uns gostam de engenharia, física ou medicina, outros de cinema, música ou literatura; enfim, são muitos os jovens, oriundos de mundos bem diferentes, que põem a questão de Deus e andam à procura de O conhecer melhor. Pôr a questão de Deus é sentir que se é amado, é estar à escuta, é perceber o silêncio, ouvir a resposta. E esta história é a história de uma capacidade infinita de se relacionar.



O que pedem os jovens à Igreja?

Os jovens pedem, cada vez mais, à Igreja que proponha caminhos mais adaptados à especificidade que define as suas vivências e necessidades na atualidade.

São vários aqueles que dizem que os jovens já não querem nada com a Igreja ou até mesmo com a religião. No entanto, quando lhes proporcionam espaços de opinião, os jovens evidenciam, de forma clara, o que precisam da Igreja Católica nos tempos modernos.

Numa sociedade que vai perdendo a sua identidade valorativa, em que a própria instituição da família vive momentos de crise, é natural que os jovens sintam falta de referenciais importantes para construir o seu equilíbrio emocional e social. Neste contexto, a Igreja também é colocada em causa, dado que, para eles, esta continua agarrada a uma realidade social que eles não conhecem e que não experimentam e, mais ainda, o olhar atual da Igreja não está direcionado para as verdadeiras questões que inquietam os jovens e os levam a questionar a sua própria fé.

É neste contexto que a Igreja é desafiada a abrir-se ao seu mundo. Os jovens pedem-lhe que se abra ao conhecimento das suas inquietações e sonhos e que lhes proponha caminhos alternativos de crescimento e de felicidade, já que a sociedade nem sempre o faz.

Para tal, importa que haja espaço para que a voz dos jovens seja ouvida, para que eles possam ser sujeitos de mudança dentro da própria Igreja e impulsores de um novo rosto da Igreja na sociedade.

No entanto, é necessário preparar este caminho dos jovens na Igreja, e um dos aspetos importantes para que eles se sintam integrados é que eles encontrem modelos de vida, testemunhos de fé dentro da própria Igreja que os ajudem a ter esperança e a identificar-se com a sua mensagem.

Mas esta realidade não se consegue apenas com a predisposição da Igreja para a escuta, para a compreensão do mundo dos jovens; implica essencialmente a capacidade de os saber envolver nos processos de mudança, estar presente nesses processos e proporcionar espaços de diálogo.

Quanto mais os jovens se sentirem parte da Igreja, maior será o seu compromisso e testemunho de fé no mundo em que vivem e convivem.

* Assistente do Serviço Nacional da Pastoral do Ensino Superior